



Rio Grande, 25 de julho de 2018

Querid@s Cirandeir@s, bom início do Cirandar 2018!

Estamos dando início ao curso de extensão Cirandar 2018: rodas de investigação desde a escola. Sejam bem-vindos tod@s! Estamos um pouco atrasados mas não é sem justificativa importante que contarei nesta carta. Mas antes, para quem é a primeira vez que participa do Cirandar, formamos uma rede de professores, a Rede de Investigação na Escola (RIE), professores que estudam e compreendem mais sua sala de aula por meio de registro acompanhado. Temos escrita no diário de campo, a escrita de um registro, a leitura de trabalhos dos colegas, a participação nos encontros presenciais. Iniciamos em junho/julho de cada ano e finalizamos em março do ano seguinte esta contação de histórias das nossas salas de aula.

Este processo acadêmico-profissional tem sido proposto por professores que, regularmente, temos nos encontrado, pensando a nossa formação desenvolvida em diferentes contextos, atividades e situações. Desde o ano de 2000, com os Encontros de Investigação na Escola, promovidos pela RIE especialmente no Rio Grande do Sul, temos estudado e nos encontrado para discutir nossa formação a partir de escritas de nossas salas de aula. A partir de 2012 fomos incentivados a inventar um processo mais local e continuado e o denominamos de Cirandar: rodas de investigação desde a escola. E gostamos tanto do que temos inventado que desde então temos dado continuidade a este modo de compreender a nossa formação. Aqui na FURG nos reunimos semanalmente às quintas-feiras pela manhã para pensar e organizar o Cirandar. Temos dialogado por cartas e narrativas de salas de aula. A ideia é de uma rede de formação acadêmico-profissional on-line.

Este ano temos novidade. Temos participantes de outros pagos também conosco. Os professores de longe participam conosco e os encontros presenciais organizam em seus espaços. Temos grupos em Bagé, Uruguaiana, Caçapava, Iturama, Sinope e até mesmo tem Manágua, na Nicarágua, lembrando de alguns parceiros queridos apenas. E esta foi uma decisão tomada no encaminhamento do XV Encontro de Investigação na Escola, realizado nestes 06 e 07 de julho, em Porto Alegre na UFRGS. O próximo daqui a dois anos será na FURG em Santo Antonio da Patrulha com direito a mandolato e rapadura e muitos relatos de sala de aula.

Buscando me fazer entender um pouco mais, o nosso processo de formação acontece, especialmente, de modo virtual, mas temos dois encontros presenciais ao longo desta edição. Os encontros serão aos sábados por conta de nossas aulas! Também é preciso dizer que o processo é construído por nós mesmos! E isso aconteceu assim: Em 2016 decidimos no encontro presencial, ou nos demos conta, que o Cirandar é um processo de formação auto-organizado, isto é, participar não é exigência a não ser do sujeito que se inscreve em participar. Não é da SMED, nem da CRE, nem da FURG, nem de um PPG, menos ainda do MEC e sim de um grupo de professores que se entende em formação pela escrita narrativa da sala de aula e sua compreensão. Naquela reunião decidimos que no ano seguinte cada um de nós escolheria um tema a estudar e investigar. Por exemplo, surgiram na reunião final destacamos políticas públicas, avaliação, inclusão, diversidade como temas que o grupo considerou importante. Houve mais temas, mas lembro desses. Não um tema único a todos mas um tema de escolha pessoal, que nos instiga a partir da sala de aula e atividade que resolvemos relatar a estudar. Mas vou retornar a ideia dos temas mais adiante.

O curso tem alguns pressupostos teóricos importantes, que é bom apresentar de início:

- a) A aula de um professor é uma produção efetiva para se pensar a formação;
- b) A escrita desta sala de aula permite torná-la pública e foco de atenção coletiva;
- c) Escrever, como artefato cultural, nos desenvolve e por isso, se escrevemos, nos desenvolvemos e aprendemos sobre nossa sala de aula;
- d) A aprendizagem precisa ser dialógica e para tanto coletiva;
- e) A leitura entre pares favorece que percebamos como mais bem escrever e também como mais bem desenvolver nossa aula.

Esses pressupostos estarão conosco neste processo de registro do que fazemos e sobre como nos tornamos professores. Assim, reforço que um dos requisitos do processo, como alguns já sabem, é escrever em um diário de campo que nos acompanha durante o curso, e que será entregue lá no nosso encontro final em março de 2019, encontro obrigatório, num sábado, em dois turnos, contendo este diário as escritas sobre a experiência docente escolhida para contar e outras escritas que serão solicitadas.

Irei escrever a vocês cartas de orientação a cada etapa do processo.

A primeira orientação é a de escolha do diário de campo. Desde agora, então, o caderno precisa ser escolhido com carinho e atenção. Caderno pequeno que nos acompanhe na sala de aula que está em investigação para ser narrada, capa dura, mas não minúsculo, nem que solte folha, nem um rearranjo de folhas, mas um caderno que vai ser a nossa apresentação enquanto professores. Que professor não gosta de caderno?

No diário serão feitas também as escritas de estudo do tema escolhido e da sala de aula em seu desenvolvimento. Todas as escritas que forem solicitadas serão feitas no diário de campo. O diário de campo vai acompanhar cada um nos encontros presenciais e na experiência que vocês pretendem contar.

Escolhido o diário, vamos à primeira escrita. Melhor que seja num processo mais artesanal de escrita. Mas se tiver que ser digitado como esta carta, depois é só colar no caderno. E o que escrever? Aprendemos que a escrita surge de uma necessidade, então não há formatos prévios. Então, retornando agora à escrita primeira no diário, a primeira é uma escrita de apresentação de um professor que se questiona sobre algum aspecto e desafio da sala de aula que pretende melhor compreender. Então é preciso chegar a um tema e a uma sala de aula de uma experiência que quer relatar. No nosso encontro presencial de agosto, iremos discutir estes temas.

Quero ressaltar a importância da escolha do tema de estudo de cada um. Ou seja, escolher um desafio de sua sala de aula que pretende compreender melhor. E isso exige estudo, leitura, busca de teoria. A experiência é fundamental na docência, mas não pode seguir alijada da teoria. Por exemplo, no ano passado muito estudei sobre a BNCC e este estudo permitiu eu afirmar que **A BNCC É DESNECESSÁRIA E UM RETORCESSO!** Quis entendê-la melhor e a isso dediquei meu esforço de estudar argumentos a favor e contrários à BNCC. E assim cada um tem que pensar sobre o que quer entender melhor de sua sala de aula para ir à busca de diálogo e registro prático. Meu tema escolhido tem o Cirandar como foco. Será o Cirandar uma comunidade? Terei os registros empíricos durante o ano, mas preciso então saber o que é uma comunidade para pensar no Cirandar como uma comunidade ou não.

Lembro também que temos um site: www.investigacaonaescola.furg.br. Lá está nossa programação. Temos também um grupo fechado no Facebook: Cirandar2018. Se quiserem, solicitem inclusão no grupo. É um modo fácil de conversa, embora aos não adeptos do Facebook, não seja obrigatório, mas tem sido um espaço de solução de dúvidas. As cartas envio pelo e-mail que vocês cadastraram no sinsc e também envio as mesmas cartas pelo Facebook. Temos quase 200 inscritos. Muitos nos acompanham desde 2012. Dos que foram embora por enquanto, sentimos falta. Temos um grupo novo grande.

Vamos em frente com a escrita porque é a experiência que dá sentido à escritura. E quando escrevemos não é para transmitir o sabido e sim para transformar o que sabemos para nos libertar de algumas verdades e com isso vamos nos tornando diferentes do que éramos. Não é isso que dá sentido à educação? Retirei isso da apresentação de uma coleção da Autêntica denominada Educação: experiência e sentido cujos coordenadores são Jorge Larrosa e Walter Kohan. É isso, escrever para ter liberdade de inventar uma sala de aula a partir do que se acredita ser a escola, a sala de aula, professor e alun@. Inventar uma sala de aula que podemos defender com argumentos sustentados. Queremos pensar amorosamente na escola e na sala de aula, por isso escrevemos. Será que somos uma comunidade ou o que somos? Será que precisamos ser ou não ser alguma coisa, ou sempre somos e não somos num devir? Pretendo responder este questionamento tendo a sala de aula virtual do Cirandar campo empírico. Um abraço, MCarmo